



Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA

Museu Para Todos

* Intervenção em Patrimônio Hist.

Cadernos de TC 2017-1

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.
Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.
Celina Fernandes Almeida Manso, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.
Simone Buiati, E. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.
Celina Fernandes Almeida Manso, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.
Simone Buiati, E. arq.

Detalhamento de Maquete

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.
Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.
Maíra Teixeira Pereira, Dr. arq.
Pedro Henrique Máximo, M. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira
(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quinta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2017/2, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

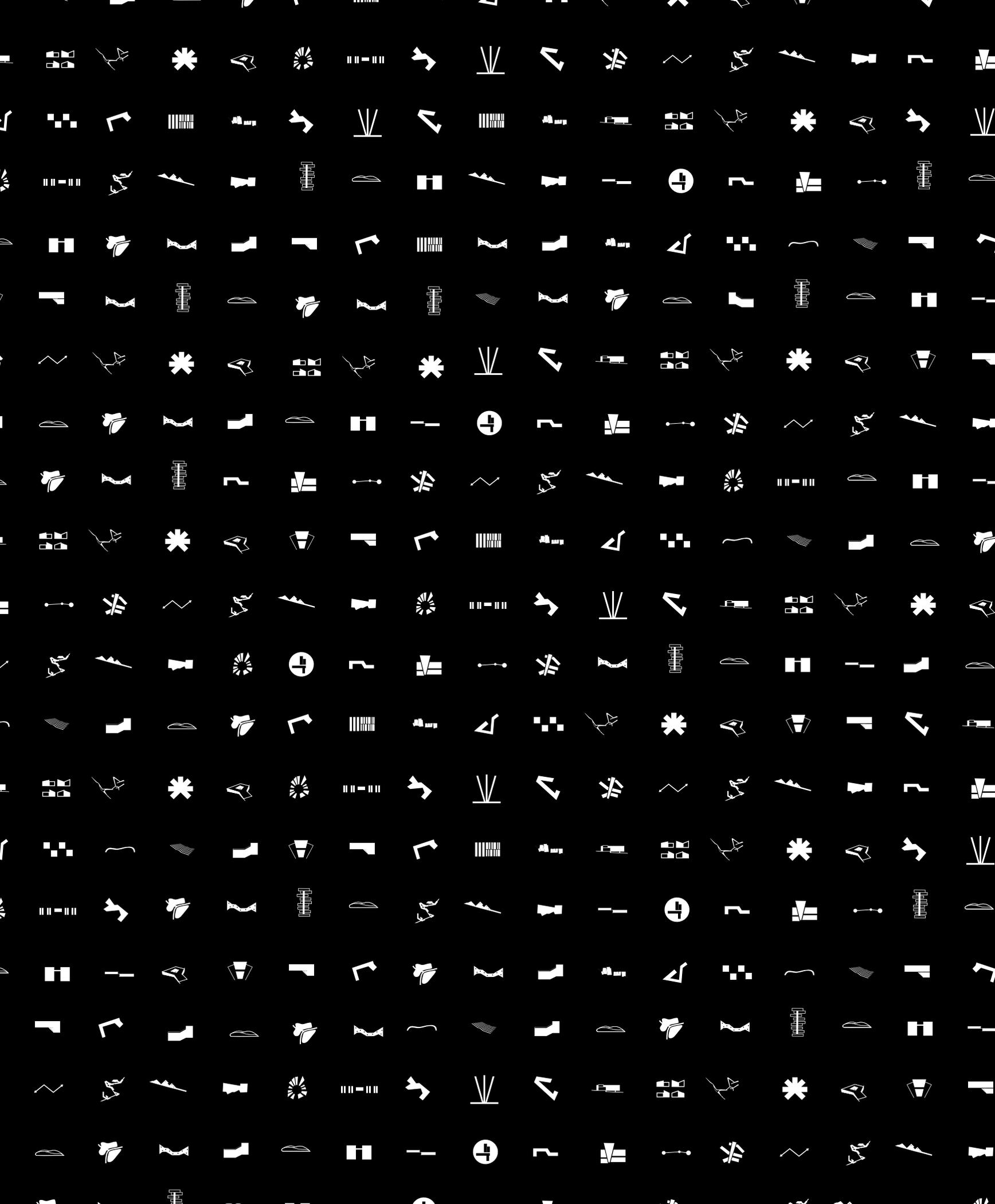
Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: **LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO**. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo,

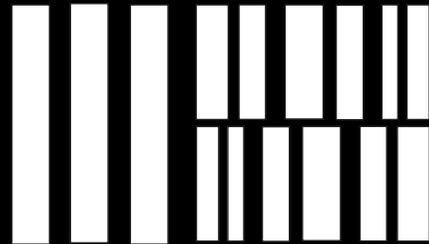
quanto ao produto final. A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê *Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo* com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: *Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete*.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Ana Amélia de Paula Moura
Celina Fernandes Almeida Manso
Rodrigo Santana Alves
Simone Buiati





Sabe-se que hoje além das funções de preservar, conservar, expor e pesquisar, o museu histórico é uma instituição ao serviço da sociedade e é interessante que ele procure através das ações educativas tornar-se elementos vivos dentro da dinâmica cultural das cidades.

Desse ponto de vista, a visita ao museu histórico pode ser uma das poucas atividades culturais vividas por crianças de baixa renda, uma vez que essas atividades tendem a atrair uma audiência de elite. Isso pode ser provocado por várias razões, como falta de conteúdo cultural, isolamento geográfico, exclusão e altos custos, talvez nem tão altos mas que estão fora do orçamento de algumas famílias, resultando, por vezes, em profunda exclusão. Desse ponto de vista toda a atividade cultural desenvolvida gratuitamente pela escola deve ser rica e inclusiva atraindo a atenção do aluno e despertando o interesse para esse ponto. Com isso o museu e a escola podem se tornar poderosos aliados na educação e na construção cultural e social de um povo.

Museu para Todos- Intervenção em patrimônio histórico



Fabiana Ribeiro

Orientador: Ana Amélia de Paula Moura

INTERVENÇÃO EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO

[f.1] Diagrama : linha do tempo -surgimento do museu no mundo . acervo pessoal

MUSEUS HISTÓRICOS

Os primeiros traços da ideia de museu, nasceram junto com a própria humanidade, no hábito do colecionismo. Desde a Antiguidade remota o homem, por infinitas razões, colecionava objetos e lhes atribuía valor, tanto afetivo quanto cultural ou simplesmente material, justificando assim a necessidade de sua preservação ao longo do tempo.

Na Grécia Antiga o museu era associado a um templo das musas, divindades que presidiam a poesia, a música, a oratória, a história, a tragédia, a comédia, a dança e a astronomia. Esses templos, bem como os de outras divindades, recebiam muitas oferendas em objetos materiais preciosos ou exóticos, que podiam ser exibidos ao público mediante o pagamento de uma pequena taxa.

Ha milhares de anos atrás já se faziam registros sobre instituições com conceito vagamente semelhantes ao do museu atual. Entretanto, somente no século XIX se consolidou o museu mais ou menos como atualmente o conhecemos.

Ao longo da Idade Média a noção de museu quase desapareceu, os acervos de valor material eram considerados

reserva para financiamento de guerras ou outras atividades estatais mas o hábito de colecionar continuou vivo e outras coleções se formaram com objetos ligados ao culto cristão, acumulando-se em catedrais e mosteiros quantidades de relíquias de cunho religioso e espiritual.

Com a recuperação dos ideais clássicos e a consolidação do humanismo do Renascimento, ressurgiu o colecionismo privado através burgueses, que financiavam uma grande produção de arte e se dedicavam à procura de relíquias da Antiguidade.

Hoje os museus já possuem um vasto espectro de campos de interesse e funções, e se caracterizam pelas múltiplas tarefas e capacidades que lhes são atribuídas, deixando de ser apenas espaços de acúmulos de objetos para assumirem um papel importante na sociedade influenciando diretamente na interpretação da cultura e na educação do homem, no fortalecimento da cidadania e do respeito à diversidade cultural, e também na qualidade de vida.

Mundo

Grécia antiga; Mouseion denominava o templo das nove musas, ligadas a diferentes ramos das artes e ciências, esses templos não se destinavam a reunir coleções, eram locais reservados a contemplação e aos estudos científicos literários e artísticos.

Segundo François Choay, a visão de museu atual surgiu em conjunção com a Revolução Francesa, através de decretos e instruções para preservar a totalidade de diversidade do patrimônio nacionalizado no contexto da Revolução, os bens móveis recuperados pela nação deveriam ser transferidos para depósitos abertos ao público chamados então de museus com a intenção de difundir o civismo e a história

O termo pouco usado durante a idade media reaparece entre os sec XV E XVII com algumas coleções formadas a partir de coleções principescas resultantes da expansão marítima na Europa, e também coleções científicas feitas por estudiosos que buscavam sanar curiosidades e realizar pesquisas científicas e utilitárias.

Ao fim do século XVIII , a conjuntura da Revolução Francesa traçou os contornos do conceito moderno de museu e esse se firmou no século XIX com a criação de importantes instituições museológicas na Europa.

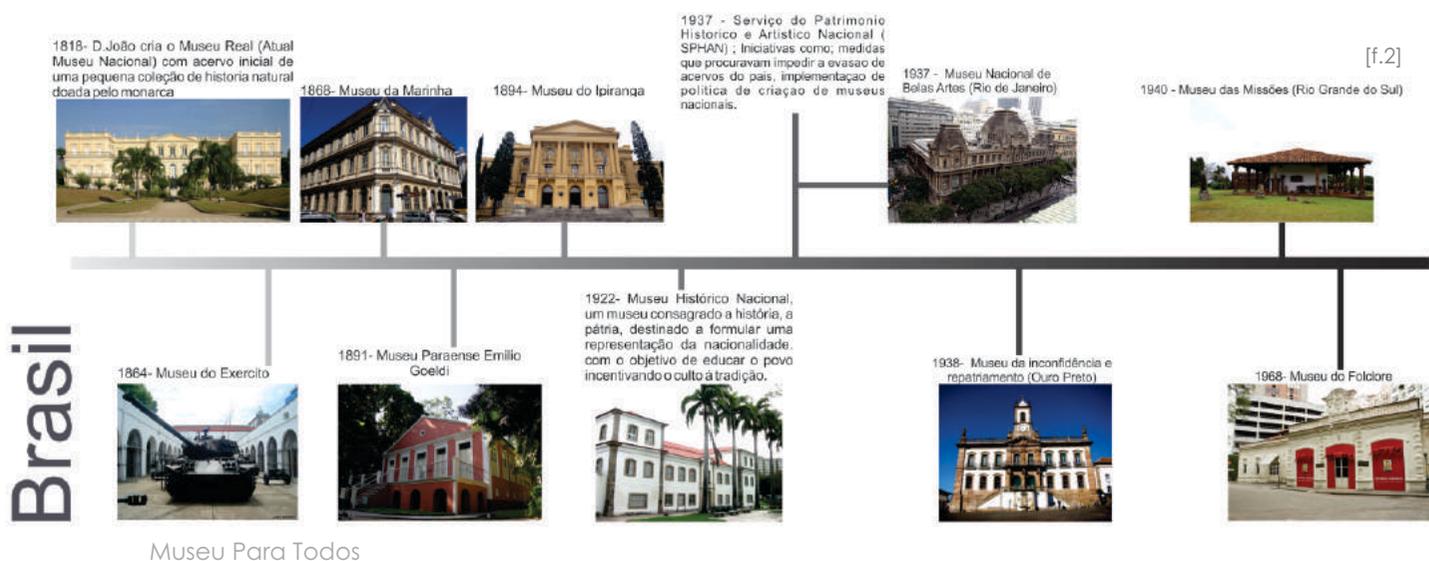


Esses museus foram criados com base em uma ambição pedagógica, participando assim grandemente do processo de construção das nacionalidades.

[f.1]

Segundo o Conselho Internacional de Museus (ICOM), o museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer (IPHAN / ICOM, 2005, apud França, 2009). Uma grande promotora do desenvolvimento do cidadão, pois retrata a sua diversidade e a variada gama de possibilidades da civilização representada pela cultura material depositada no seu acervo. A função do museu deve centrar-se em poder colocar a população local em contato com sua própria história, suas tradições e valores. Por meio destas atividades o museu contribui para que a comunidade tome consciência de sua própria identidade que geralmente tenha sido perdida por razões de ordem histórica, social e racial. (Documento do ICOM – Conselho Internacional de Museus, 1986, apud França, 2009)

No mais, os que diferencia um museu histórico dos demais é o tipo de coleção que ele terá. O mesmo possui a função principal de retratar a história através de seu acervo estabelecendo um elo de criação entre o passado e o presente. Uma história contada pelos objetos, colocados ou não em vitrines, rotulados com etiquetas com informação sobre autoria, ano de criação, material e a técnica usada. Sobretudo um museu histórico serve para facilitar o modo como olhamos os acontecimentos locais, do mundo, para os outros e para nós mesmos. O sentido dos museus inovadores é propiciar uma consciência sobre o patrimônio que encontramos e como podemos usar isso para fazer coisas novas (ICOM).



[f.2]

[f.3] Visita escolar ao Museu histórico de Anápolis . fonte: Jornal O Contexto-2014.

[f.4] Uma tarde no Museu. fonte: Prefeitura de Sao José dos Pinhais.

[f.5] Alunos da Escola Municipal Rosi Marchesini visitam Museu do Boneco Animado. fonte: prefeitura de Sao José

[f.6] Escola Padre Donino comemora o Dia do Museu com visita ao Museu do Homem do Nordeste. fonte: Secretaria de educação do Pernambuco

O MUSEU COMO ESTRATÉGIA SOCIAL E EDUCATIVA

O museu histórico tem funções de preservar, conservar, expor e pesquisar, e além disso é também um equipamento cultural sendo assim é interessante que ele esteja, através das ações educativas, em conjunto com a escola atuando na educação, inclusão social e no desenvolvimento dos alunos

Para um trabalho de inclusão social ser eficaz, o museu tem de ter como ponto de partida um foco nas necessidades daqueles que são excluídos tanto socialmente quanto fisicamente. Pensando nisso os eventos desenvolvidos em parceria é apenas um dos componentes de uma aproximação do museu à escola, um dos muitos blocos de construção necessários para que as diversas comunidades comecem a compartilhar a cultura, propriedade das coleções ricas e inspiradoras de um museu (Oliveira 2012, 341).

As sessões interativas de educação como uma simples visita guiada estão entre as formas mais poderosas e eficazes de atender às necessidades específicas do público e de criar caminhos para a inclusão. As atividades interativas desenvolvidas são fundamentais para permitir aos visitantes um olhar interrogador e estimular os debates ao redor das exposições.

Os museus também podem atuar como um espelho, onde as pessoas podem se ver, fazendo conexões entre as suas próprias vidas e as experiências passadas ali expostas, se ver como parte da história de um determinado lugar é estimulante e animador.



A análise de Bamford (2007) mostra que a interação entre escola e museu pode exercer uma forte influência nas mudanças sociais e podem ser utilizados para aumentar a auto-estima das crianças e tratarem de questões de justiça e de igualdade social dentro da comunidade, nessa análise as visitas foram integradas no currículo, os alunos foram capazes de aproveitar as suas experiências com as coleções do museu, muitas vezes desconhecidas, para os seus trabalhos escolares, proporcionando ambientes de verdadeira “matéria-prima” para a imaginação e aprendizado.

Esse simples experimento possibilita a experiência da apropriação cultural, crítica e consciente, por parte dos mais diferentes grupos sociais e culturais. Fazer o bem em educação é entendido como o mais eficaz meio de combate à pobreza e desinteresse. Coloca-se a atenção na necessidade de assegurar que todos os jovens estão ativos, capazes de atingir o seu pleno potencial e ser parte da história positivamente, independente das suas limitações e classe social, estimula-se também a desenvolver competências sociais, de comunicação e a confiança, por exemplo, no uso de espaços públicos e facilitar a integração na comunidade.

Essa análise é fundamental para refletirmos sobre a importância da relação museu escola. Houveram evidências no estudo mencionado que os museus não são apenas espaços de exposição mas com algumas estratégias podem também ajudar a resolver os problemas básicos, físicos e de barreiras culturais, e muitas vezes, responder às complexas necessidades de sub-representação de certos públicos.



O MUSEU HISTÓRICO DE ANÁPOLIS

Construído com técnicas tradicionais, o imóvel, situado na Rua Coronel Batista nº 323 no Setor Central da cidade, abriga cerca de 50 mil peças, contando documentos e fotografias, possui onze cômodos onde há; peças antigas, documentos históricos, armaria e etnografia, entre outros que fazem parte do seu patrimônio. Nove funcionários, dentre historiadores, vigias e auxiliares em serviços gerais compõe o quadro atual que zela e recebe os visitantes, que somam, em média, 900 pessoas por mês. No que se refere ao seu acervo, o MHA tem salas que retratam temas determinados, como a sala da medicina onde está exposta a primeira mesa cirúrgica de Anápolis (fabricada artesanalmente pelo médico e missionário James Fanstone); instrumentos cirúrgicos, diplomas dos primeiros médicos, entre outras peças. Há, também, sala com a temática voltada para a religiosidade; sala de

artefatos referentes ao cotidiano como peças de cozinha; tecelagem; televisores; rádios, telefones, seção de fotografias antigas ou acervo iconográfico. Estes são trocados anualmente por outras peças que são guardadas numa reserva técnica precária. São mais de oito mil fotos, jornais diários e semanário que circularam na Cidade, desde 1929 até os dias atuais; documentos escritos tais como leis, documentos cartorários e bibliografia sobre Anápolis e outros objetos que retratam a história do Município e região.

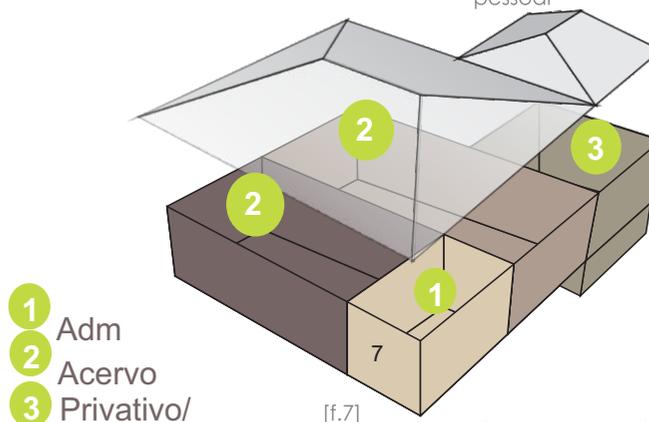
Por falta de espaço as peças de geologia, madeiras, pedras, animais empalhados e outras desse segmento foram doadas ao Museu ao Parque Ipiranga que fará um memorial do meio ambiente.

Outras peças como máquinas fotográficas, instrumentos musicais e outros estão guardados na antiga estação ferroviária da cidade.

[f.7] Museu Histórico de Anápolis-2017. acervo pessoal

[f.8] Diagrama de setorização do museu de Anápolis. acervo pessoal.

[f.9] Museu Histórico de Anápolis-2017. acervo pessoal



[f.10] Museu Histórico de Anápolis-2017. acervo pessoal

[f.11] Museu Histórico de Anápolis-2017. acervo pessoal





VÁPOLIS
OLOGIA
A
O
LHO

E
Museu Histórico
de Anápolis

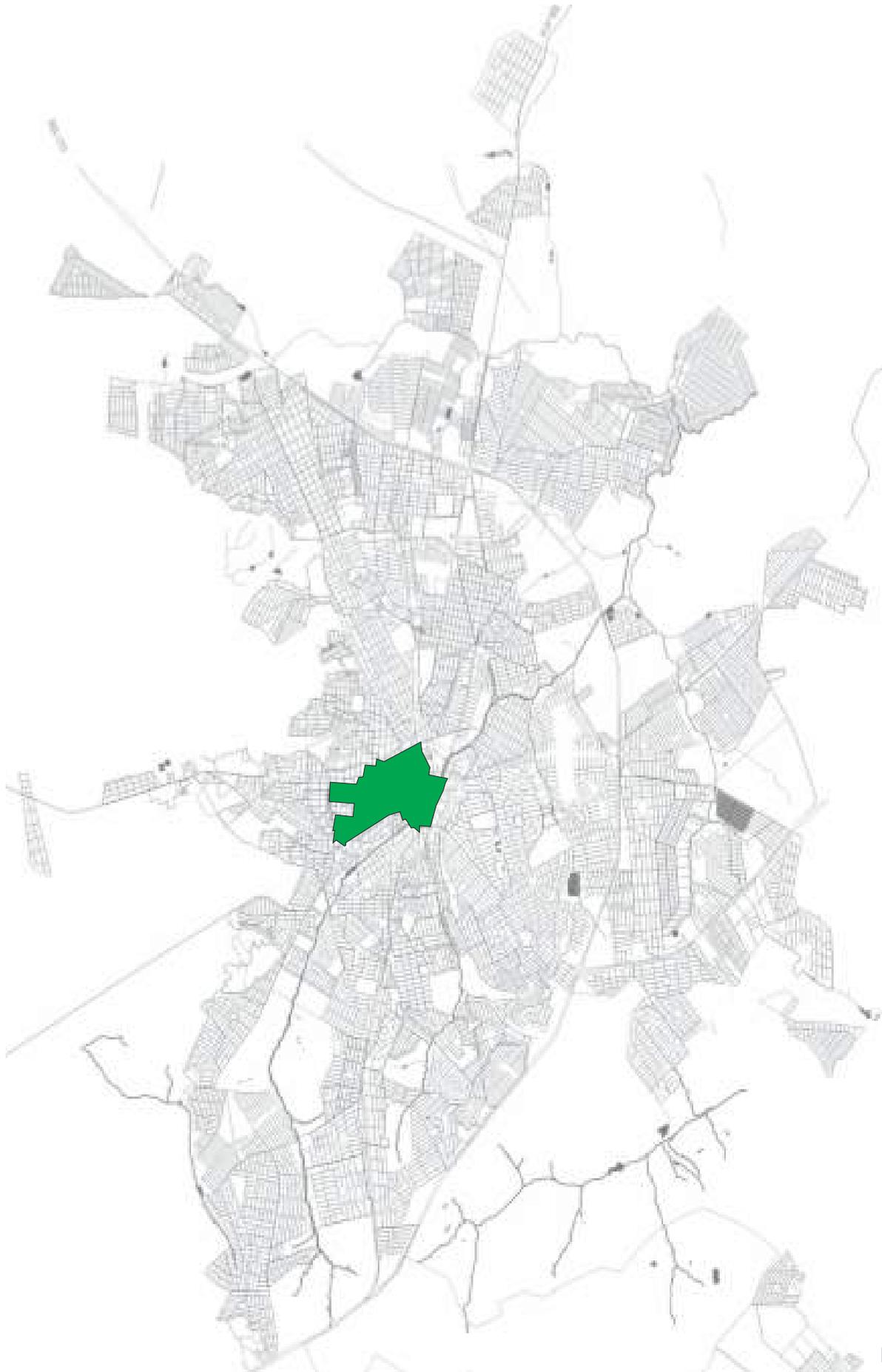


RETAZES F...
... DE MAP...
... DA SUA...
... HISTÓ...
... VÍFICA...



323

MUSEU HISTÓRICO
DE ANAPÓLAS
LUGAR DO
BATALHÃO A BATALHA
DE 1822
DECLARADO EM 2004



[f.12]

CONTEXTO HISTÓRICO

[f.16] Coronel Zeca Batista. fonte:Jornal O contexto.

[f.17] Gomes de Souza Ramos. fonte: VivaAnapolis.

[f.18] Museu Histórico de Anápolis. Jornal o Contexto.

[f.19] Estação Ferroviária de Anápolis. fonte:Jornal o Contexto.

[f.20] Recorte da região central. fonte:Jornal o Contexto.

A povoação de Anápolis, teve início em meados do século XVIII, devido a movimentação de tropeiros que demandavam de diferentes províncias em direção às lavras de ouro. Os principais cursos de água que cortam a região eram sítios de descanso e serviam como referência e orientação na viagem.

Os fazendeiros de há muito fixados às margens do Riacho das Antas, tinham por costume se reunir em casa de Manoel Rodrigues dos Santos, um dos primeiros moradores do lugar, e aí realizavam novenas e orações.

A partir da construção de uma pequena capela, em 1871, por Gomes de Souza Ramos, formou-se a aglomeração urbana que se constituiria dois anos depois em Freguesia de Santana das Antas, e que cresceu após a construção da capela de Santana.

O nome do coronel Zeca Batista está intimamente relacionado à história de Anápolis, para onde se mudou a 28 de fevereiro de 1882, vindo de Meia Ponte (Pirenópolis), cidade em que nasceu a 1º de setembro de 1856. Zeca Batista era filho do comendador Teodoro da Silva Batista e de Efigênia Pereira de Siqueira Batista. Estudou no Colégio Senhor do Bonfim, de sua terra natal. Veio para a então Freguesia de Santana das Antas como professor.

Mas à falta de médicos e de farmacêuticos, exercia também essas atividades, além de ser comerciante. Zeca Batista construiu a casa que hoje abriga o Museu Histórico de Anápolis.

Foi graças aos esforços conjuntos de Zeca Batista e de Gomes de Souza Ramos que a Freguesia de Santana das Antas foi elevada a vila, mediante a Lei 811, de 15 de dezembro de 1887

Em 1935 uma multidão presenciou a chegada da primeira composição da Estrada de Ferro Goiás à estação de Anápolis, trazendo um crescimento econômico jamais visto. A partir dessa data, negócios importantes e transações comerciais eram realizados a todo instante, a cidade expandiu e novas ruas foram abertas.

Essa região é hoje chamada de 'Centro Pioneiro', nesse trecho se encontram outros edifícios da época da fundação da cidade ou que possuam algum valor histórico e cultural.





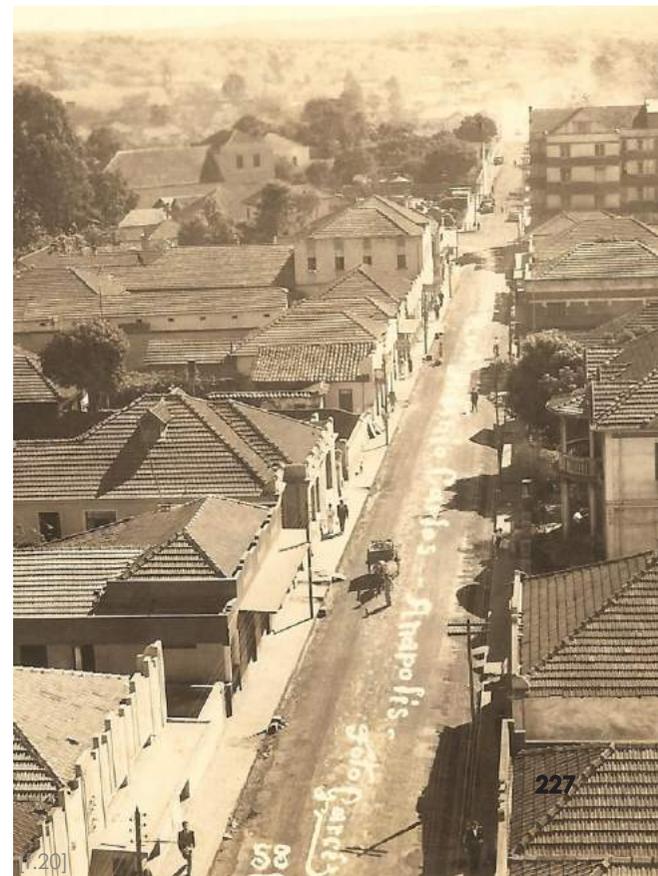
[f.16]



[f.17]



[f.18]



[f.20]

[f.21] Estação Ferroviária pref. J FValente

[f.22] Escola de Artes Osvaldo Verano

[f.23] Museu Histórico de Anápolis-2017. acervo pessoal

[f.24] Antigo Fórum na Praça Bom Jesus

[f.25] Coreto da praça James Fanstone

[f.26] Mercado Municipal Carlos de Pina

[f.27] Aeroporto Civil - Casa JK

[f.28] Colégio Anterior Santana

[f.29] Colégio Couto Magalhães

[f.30] Fonte luminosa da praça Bom Jesus

MAPA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO EM ANAPOLIS



Segundo o COMPHICA, Anápolis tem hoje dez edifícios tombados como patrimônio histórico da cidade, estando 9 deles localizados no chamado "Centro Pioneiro" e um na cidade universitária, são eles:

- 1 • Estação Ferroviária pref. J FValente
- 2 • Escola de Artes Osvaldo Verano
- 3 • Museu Histórico Alderico B. de Carvalho
- 4 • Antigo Fórum na Praça Bom Jesus
- 5 • Coreto da praça James Fanstone
- 6 • Mercado Municipal Carlos de Pina
- 7 • Aeroporto Civil - Casa JK
- 8 • Colegio Antesina Santana
- 9 • Colegio Couto Magalhães
- 10 • Fonte luminosa da praça Bom Jesus



[f.21]



[f.22]



[f.23]



[f.24]



[f.25]



[f.26]



[f.27]



[f.28]



[f.29]

Museu Para Todos



LEGENDAS:
[f.31] Diagrama de ventos dominantes.

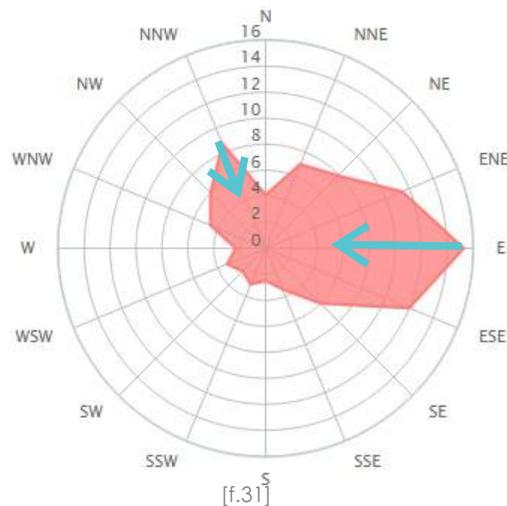
[f.32] Recorte da topografia com indicação dos terrenos. acervo pessoal.

[f.33] Corte esquemático da topografia.

ASPECTOS AMBIENTAIS

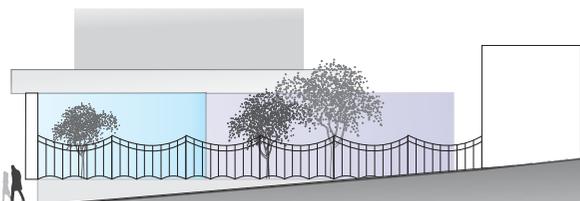
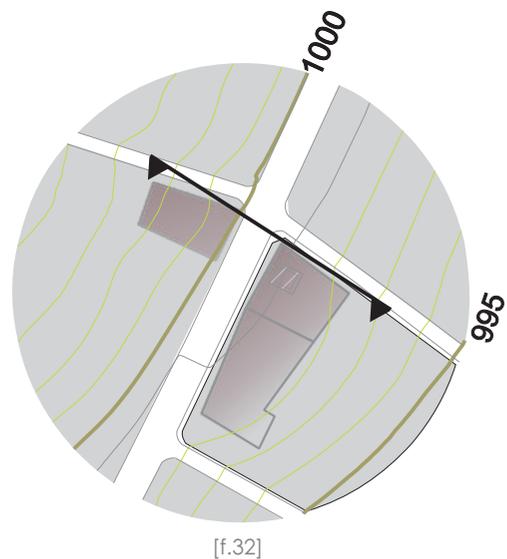
VENTOS DOMINANTES

Os ventos dominantes na cidade de Anápolis mudam durante o ano, entre fevereiro e outubro possuem direção LESTE, e entre novembro e janeiro possuem direção NOROESTE. com temperatura média entre 21°C e 25°C sendo a mais alta entre agosto e outubro, e com mais velocidade e força entre junho e setembro.



TOPOGRAFIA

A região em questão tem uma inclinação de moderada a pouco íngreme com declive em direção à Avenida Brasil, o ápice topográfico dos terrenos analisados para intervenção esta na curva 1002 e o mais baixo na curva 998, criando uma declividade de por volta 3 metros entre um dos terrenos usados até o limite final do lote do museu, entretanto o terreno já foi alterado devido seu atual uso, estando então nivelado com a calçada frontal, essa declividade na pré existência favorece a implantação de projetos e facilita escoamento de água da chuva e demais intempéries.



ESTRUTURA VIÁRIA

Principais vias:

Avenida Brasil: É a maior, mais movimentada e importante via arterial da cidade. Possui cerca de 14 km de extensão e está dividida em 3 segmentos: norte, centro e sul e possui grande variedade comercial,.

Avenida Goiás: Principal eixo de ligação entre as regiões leste e oeste, por ela passam cerca de 90 mil veículos por dia, sendo ainda a principal avenida de ligação do Centro com o Bairro Jundiaí.

O terreno do objeto em questão tem acesso direto pela Avenida Brasil, que atravessa toda a cidade, e tem ligação direta com a BR, e também faz esquina com ruas locais de menor extensão que possuem mão única. O fluxo é de moderado a alto em horários de pico já que a rua Cel. Batista dá acesso a uma das principais avenidas da cidade.

A infraestrutura das vias locais que limitam o museu ainda é precária, com travessas estreitas e calçadas pouco conservadas. Por se tratar de um traçado antigo o museu possui calçada estreita e não há afastamento frontal, essa pequena calçada ainda é usada para estacionar carros, já que no entorno existem alguns equipamentos públicos que não possuem estacionamento.

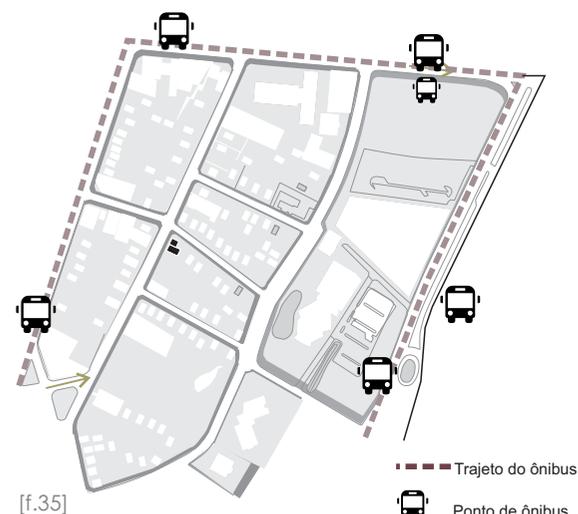
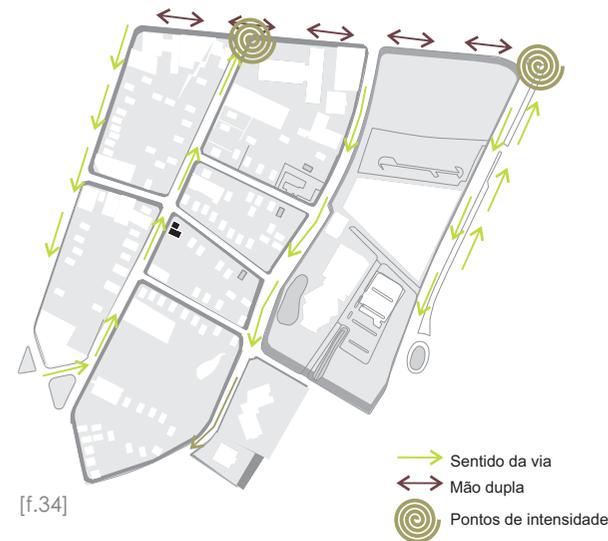
O acesso ao transporte público também se encontra na Avenida Brasil nos dois sentidos, os pontos de ônibus mais próximos estão numa distância de aproximadamente 344 mts e são encontrados novos pontos a cada 326 m aproximadamente.



LEGENDAS:
[f.34] Recorte da região com hierarquia de vias.

[f.35] Recorte da região com sentidos do fluxo e intensidade.

[f.36] Recorte da região com trajeto e ponto de ônibus.



[f.37] Recepção do Museu Histórico de Anápolis. acervo pessoal

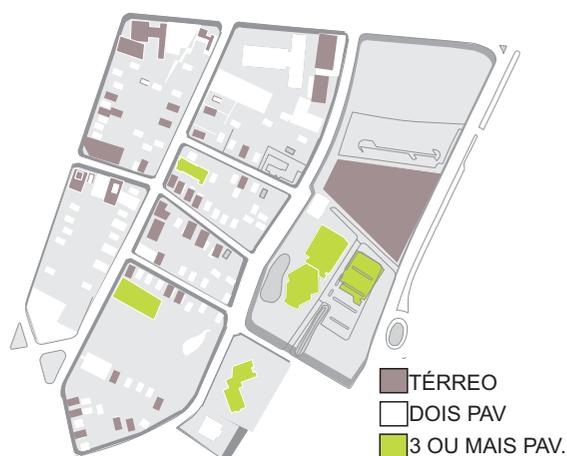
[f.38] Recorte a região com destaque para tipologias e gabarito.

[f.39] Recorte a região com destaque para uso do solo.

[f.40] Recorte a região com destaque para cheios e vazios.

TIPOLOGIA E GABARITO

Por possuir estreitas travessas e ser parte da zona do Centro Pioneiro, a região não possui permissão para edifícios com grandes alturas, apesar disso o Museu encontra-se hoje 'escondido' e 'sufocado' tanto por clínicas de dois pavimentos quanto por residências com fachadas extensas e visual pesado e poluído, devido também a falta de afastamento frontal, quem passa pela Avenida Goiás não enxerga o museu, quase metade das pessoas que por ali passam sequer sabem da existência do Museu.



[f.37]

USO DO SOLO

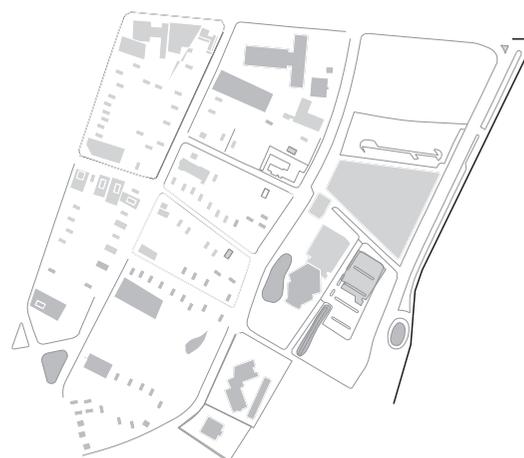
A região em questão é predominantemente de uso comercial, prestação de serviços, uso misto, e com algumas residências. Para realizar as intervenções no edifício será necessário aumentar a área disponível, para isso pretende-se desapropriar alguns imóveis da região. Foram analisados os edifícios no entorno do museu, entre eles foram encontradas algumas clínicas e também residências desocupadas que são vistos como terrenos em potencial, encontram-se algumas casas de caráter modernista que serão preservadas devido a seu valor histórico, fazendo assim futuramente um contraste mais rico entre os estilos e épocas presentes na cidade.



[f.38]

CHEIOS E VAZIOS

O trecho em análise encontra-se densamente ocupado, há poucas áreas livres e terrenos desocupados, inclusive para a proposta serão desapropriados dois lotes.



[f.39]



A PRÉ-EXISTÊNCIA

PROBLEMÁTICA

[f.41] a [f.53] Atual estrutura física do Museu Histórico de Anápolis. acervo pessoal

Segundo o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), o Museu é mais do que uma casa de memória, são casas da vida de um lugar, Espaços que assumem sua função social junto a população enquanto casas de conhecimento e transformação.

Sabendo da importância dessa instituição tanto como instrumento social quanto educativo para a cidade de Anápolis, foi feita uma pesquisa com moradores da cidade de 14 a 60 anos, sobre a satisfação com o equipamento, e através dela foram levantados os principais pontos deficientes do equipamento e possíveis melhorias.

As principais reclamações do público se referem ao pouco espaço dentro do museu, reclamam que ha uma falta de coerência no trajeto e conseqüentemente faz com que a visita se torne confusa e sem nexo.

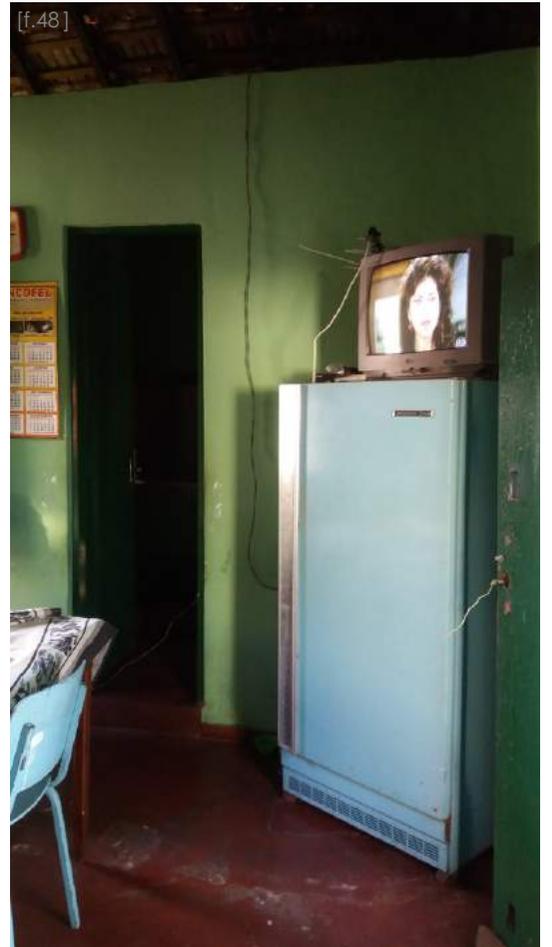
Outro ponto observado é a inacessibilidade e a falta de estacionamentos, o que faz com que os visitantes estacionem nas ruas paralelas que por sua vez são estreitas e atrapalham o fluxo no local.

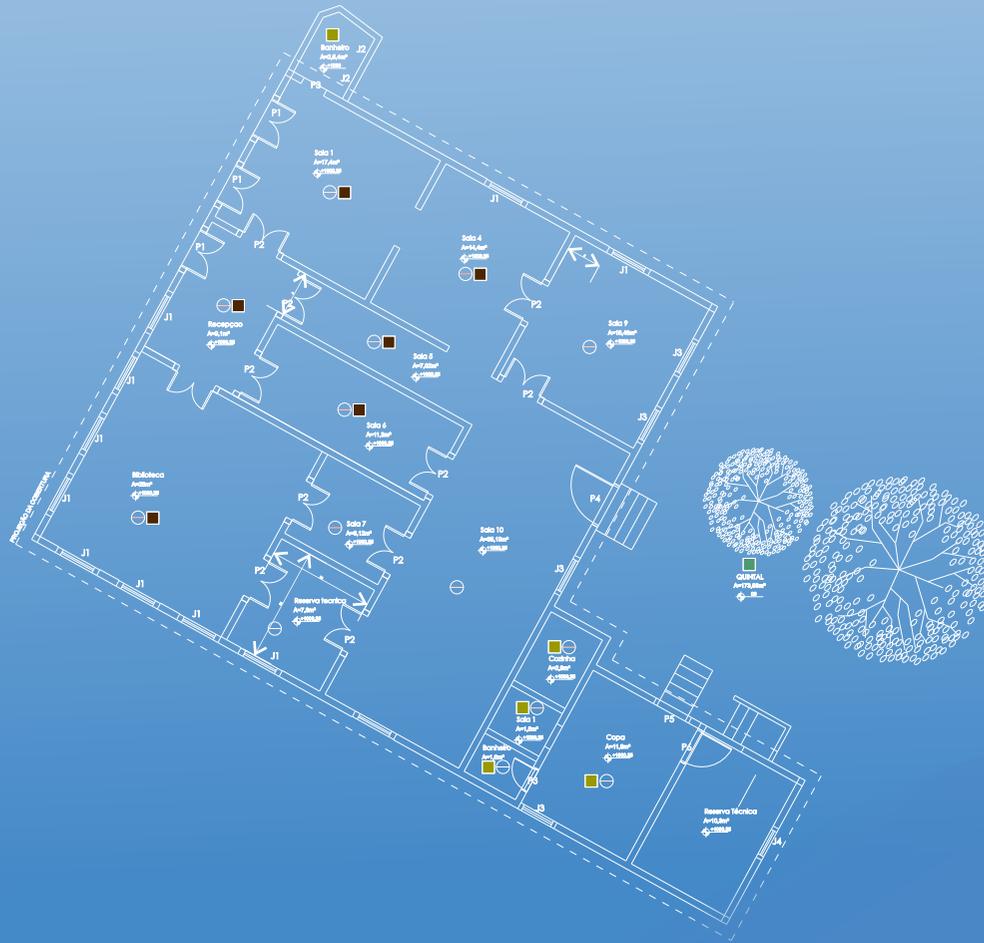
Faltam também ambientes que de suporte para as atividades desenvolvidas pela instituição, hoje todas as atividades expositivas temáticas e eventos como; mostra de documentários, palestra temáticas são desenvolvidas em escolas públicas que cedem espaço.

O edifício hoje mal comporta seus funcionários, e não possui estrutura para o programa mais básico de um museu, a administração está num espaço que também abriga peças expositivas, criando assim uma confusão entre o espaço público e o espaço administrativo.

O Museu possui um acervo rico e variado, mas que pode se perder com o tempo, pois devido a falta de espaço algumas peças acabam sendo doadas a outras instituições e também sofrerem grandes danos devido a exposição inadequada. Como por exemplo peças de aeronáutica que se encontram hoje ao ar livre devido a falta de espaço sofrendo com sol e chuva.

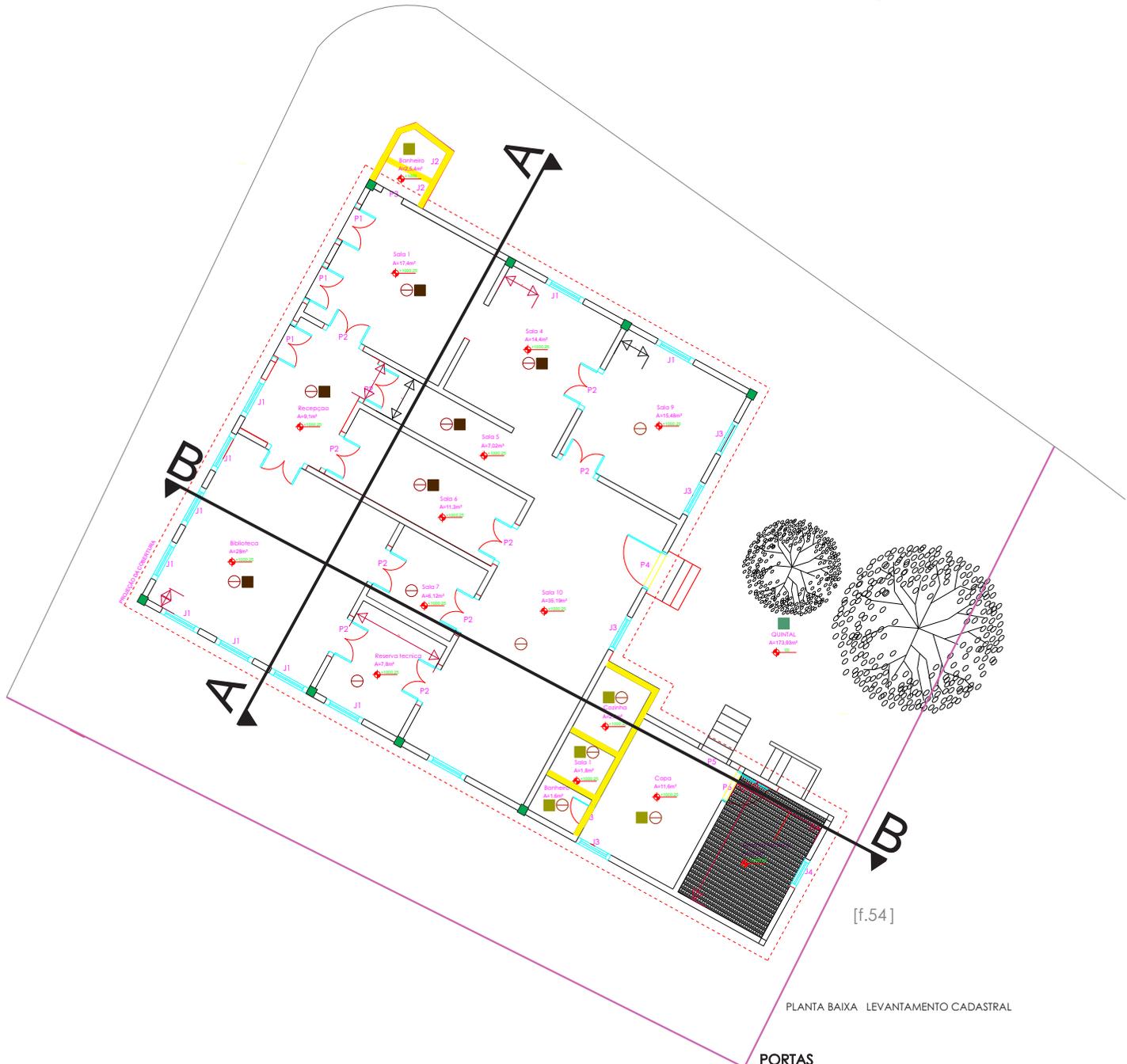






LEVANTAMENTO CADASTRAL- MUSEU HISTÓRICO





PLANTA BAIXA LEVANTAMENTO CADASTRAL

LEGENDA

PAREDES		DANOS	
	Estrutura de madeira		Umidade ascendente
	Adobe		Umidade descendente
	Tijolo furado (paredes novas)		Piso de taco danificado
			Soltura de reboco
			Trincas no piso

ACABAMENTOS		
PAREDE	TETO	PISO
	Tinta PVA	
	Cerâmica	
		Cimento Queimado
		Tábuas de madeira
		Pedra marmore
	Forro paulista	
	Telha vã	

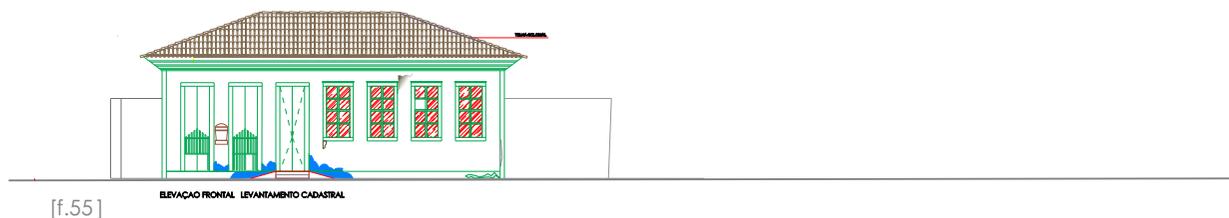
PORTAS

No	QUANT.	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	MATERIAL	TIPO
P1	1	130	350	—	madeira	2 folhas de abrir
P2	1	130	315	—	madeira	2 folhas de abrir
P3	1	65	210	—	aço	1 folha de abrir
P4	1	118	230	—	madeira	1 folha de abrir
P5	1	102	210	—	madeira	1 folha de abrir
P6	1	95	210	—	madeira	1 folha de abrir

JANELAS

No	QUANT.	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	MATERIAL	TIPO
J1	2	120	230	148	madeira e vidro	2 folhas
J2	1	60	70	165	vidro	basculante
J3	1	108	145	85	madeira	2 folhas
J4	1	108	145	90	madeira	2 folhas
J5	1	76	107	82	madeira	2 folhas

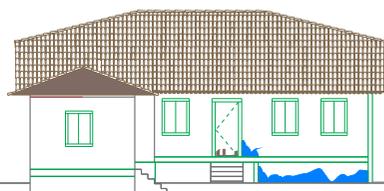
[f.55] Elevação frontal com patologias .acervo pessoal
 [f.56] Elevação sul com patologias .acervo pessoal
 [f.57] Elevação leste com patologias .acervo pessoal
 [f.58] Elevação norte com patologias .acervo pessoal
 [f.59] Corte esquemático A-A .acervo pessoal



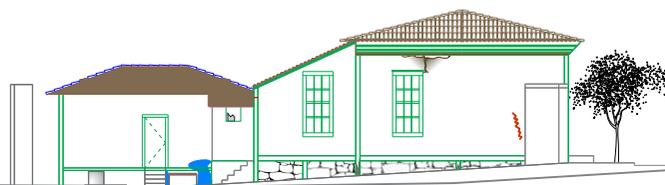
[f.55]



[f.56]



[f.57]

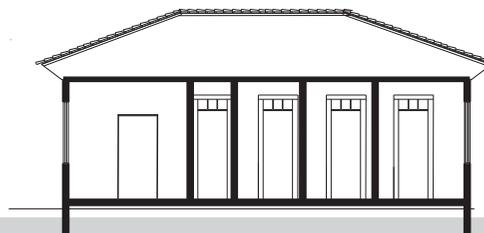


[f.58]

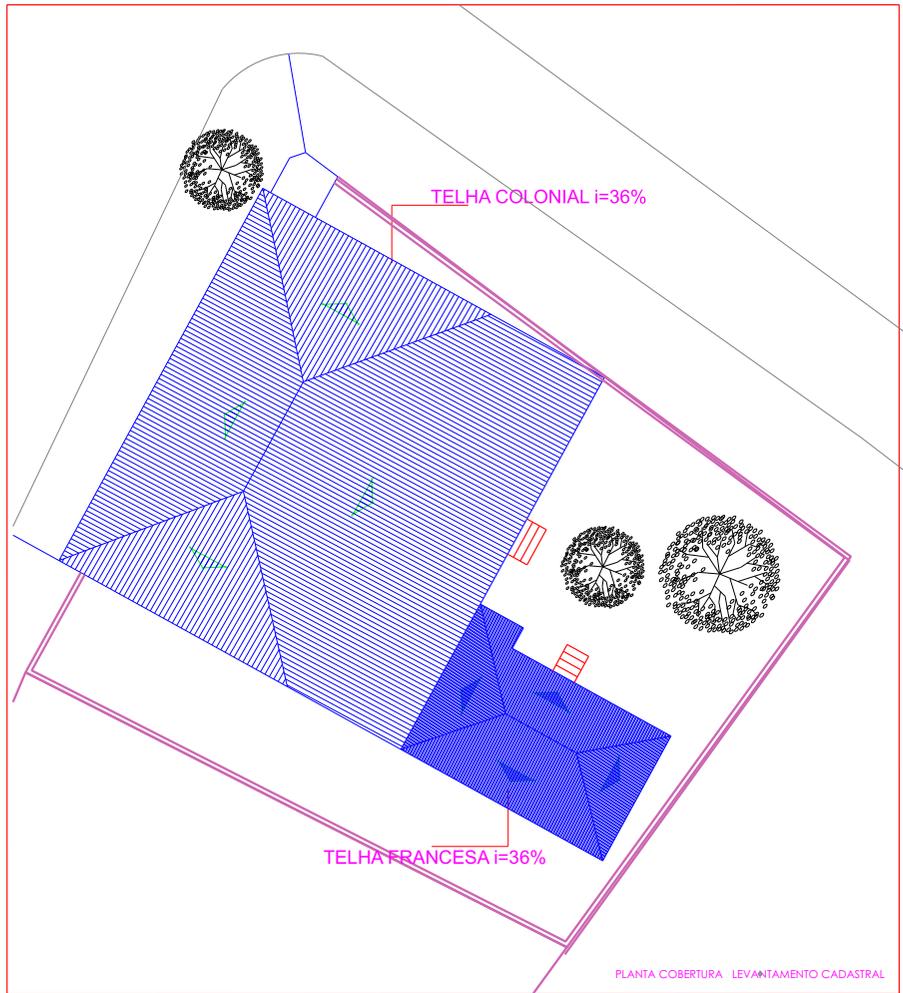
DANOS

- | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
|  | Umidade ascendente |  | Descascamento da pintura |
|  | Umidade descendente |  | Trincas |
|  | Soltura de reboco |  | Esteio comprometido |

Corte A-A



[f.59]



[f.60] Planta de Cobertura .acervo pessoal
 [f.61] Corte esquemático B-B .acervo pessoal

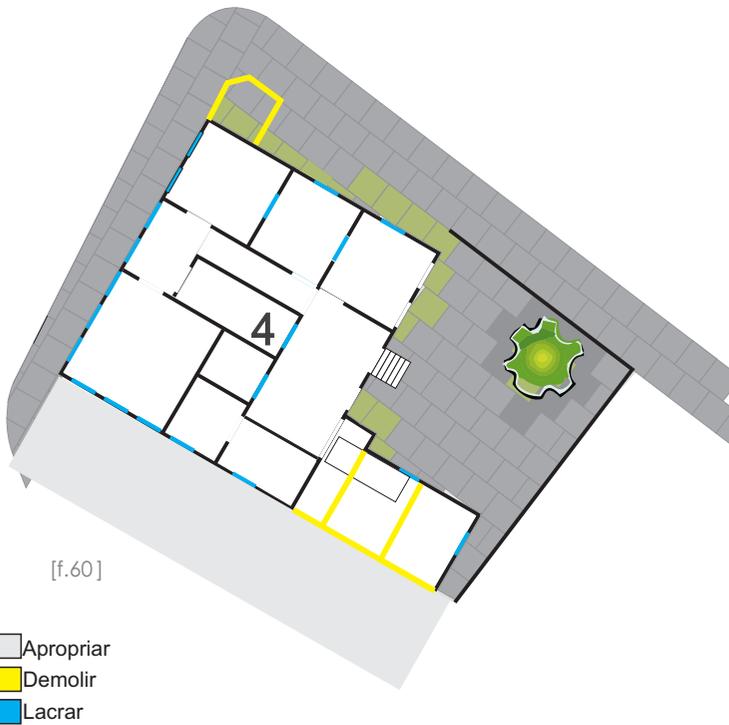
[f.60]



[f.61]

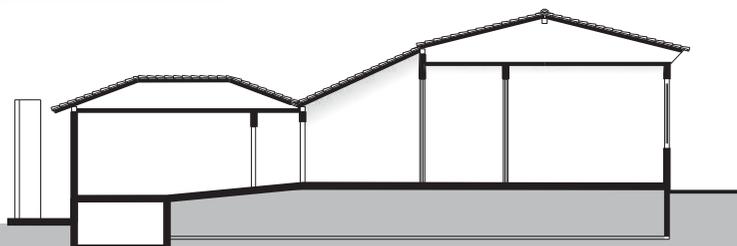
ALTERAÇÕES NA PRÉ-EXISTENCIA

[f.60] Planta com intervenções na pré-existência .acervo pessoal
[f.61] Corte esquemático B-B. acervo pessoal



Para criar o novo percurso linear de exposição, foram feitas algumas mudanças na pré existência, o que não estava de acordo ou distante da casa original foi demolido, como o banheiro a frente da casa e alguns quartos aos fundos, algumas portas foram lacradas criando assim um trajeto obrigatório; O espaço imediato a casa foi apropriado para implantação do anexo; Uma nova pavimentação foi executada em todo o perímetro da casa e o porão foi rebaixado para criar um novo ambiente expositivo; A cor principal da casa também sofreu mudanças ao longo dos anos e voltará ao tom azul, lembrando assim as casas antigas.

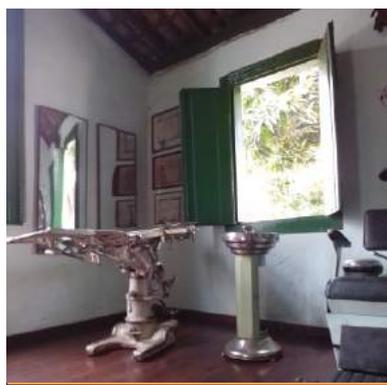
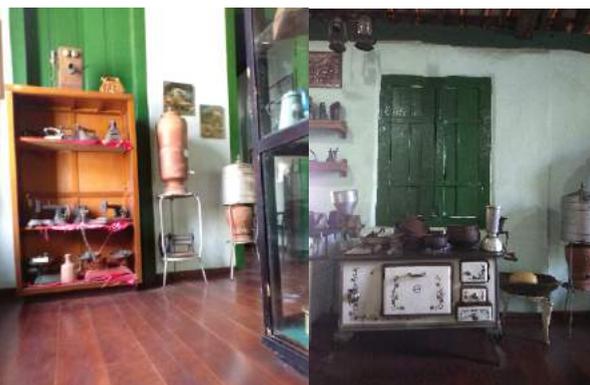
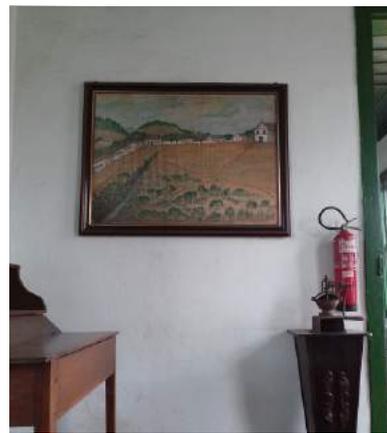
[f.61]



2 folhas de abrir

[f.62]Recepção do Museu Histórico.acervo pessoal
[f.63]Museu Histórico. acervo pessoal
[f.64]Banco descascado na área externa. acervo pessoal





[f.65]

Recepção 9,10m²
 Biblioteca/Adm 28m²
 Espaço expositivo 120m²
 Banheiro 2,60m²
 Copa / funcionários 30m²

ESPAÇO PÚBLICO

Espaço Público e Privado se misturam

ESPAÇO PRIVADO



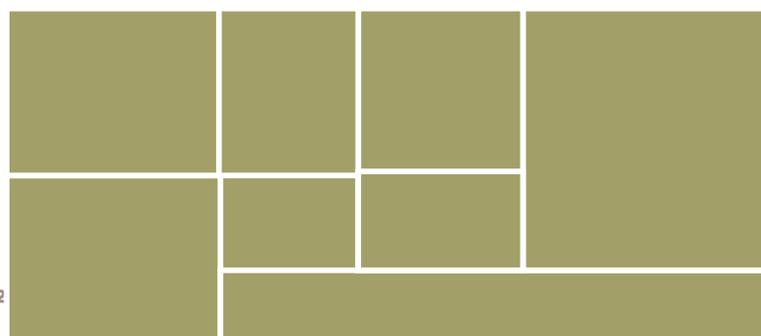
O PROGRAMA

[f.65]Diagrama do Programa atual com fotos. .acervo pessoal
[f.66]Diagrama do programa proposto

O novo programa foi desenvolvido com base nas deficiências do edifício atual com ênfase em alguns tópicos;

- Garantir uma recepção calorosa dos visitantes, que informe já na entrada detalhes da exposição e as regras de uso de cada espaço do museu;
- Criar oportunidades de “escuta”, nas quais o público possa expressar o que gostou, do que sentiu falta, o que gostaria de ver quando retornar ao museu.
- Transformar o museu em mais um espaço de lazer da cidade.
- Transformar o museu em um espaço de encontro para diferentes grupos, que esteja aberto a viabilizar propostas que venham do público;
- Criar situações em que o público se veja envolvido em experiências “únicas”, como, por exemplo, oficinas interativas educacionais e curadorias colaborativas;
- Tirar proveito de espaços como jardins, escadas, cafés e corredores.
- Fazer com que o público se interesse e entenda a história e cultura da sua cidade e seu povo.

Pit-Stop ônibus escolar
Praça **400m²**
Recepção/ guarda volumes **50m²**
História do Museu **60 m²**
A casa Tradicional **170m²**
Exposição Historica **85 m²**
Café **80m²**
Auditório / exposição audiovisual **56 m²**
Exposição temporária/ temática **140m²**
Espaço pedagógico **60m²**
Central de Ar **43 m²**
DML/ Almoxarifado
Copa / funcionários **33m²**
Admnistração **54m²**
Reserva técnica **114m²**
Banheiro de funcionários **30m²**



ESPAÇO PÚBLICO 931m²



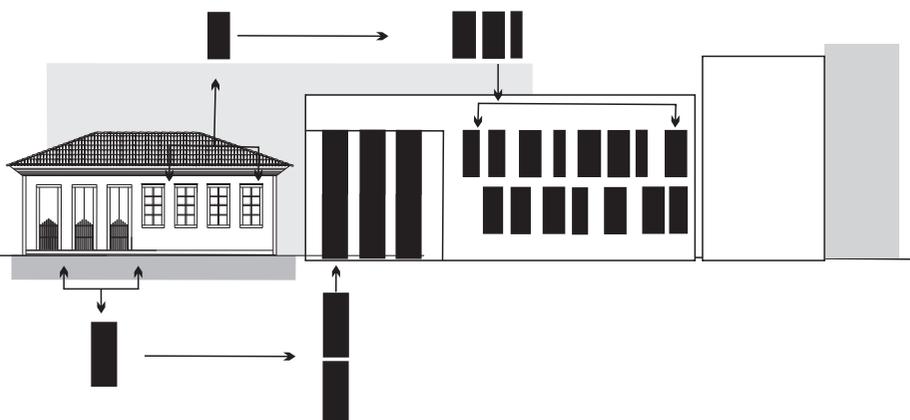
ESPAÇO PRIVADO 301m²

[f.66]

DIAGRAMA DE VOLUMETRIA

DISPOSIÇÃO DO PROGRAMA

O novo volume busca compor o visual juntamente com o museu sem destoar dos seus traços e nem roubar a atenção para o mesmo tendo como base a funcionalidade do interior. Para isso foram escolhidas formas e aberturas na fachada que fazem alusão e seguem a simetria das aberturas da pre existência.



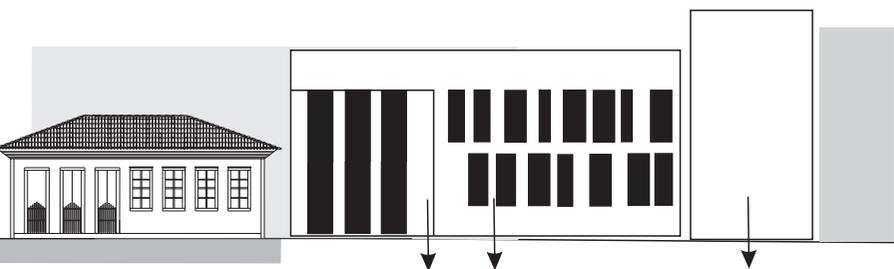
Alturas do entorno

Foi observado que no entorno imediato da pré existência predominam edificações térreas e de dois pavimentos, a própria casa antiga é térrea e esta sob uma pequena base.



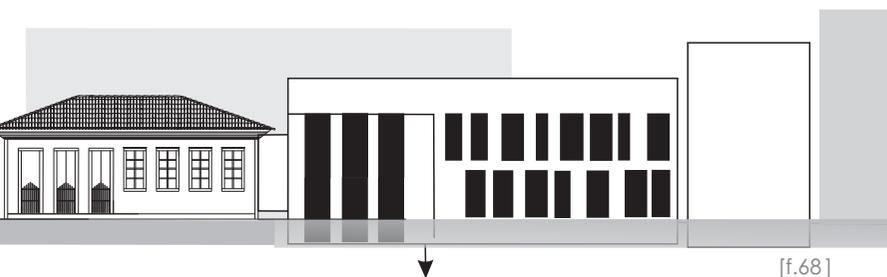
RESULTADO

O programa prevê três pavimentos para o novo volume, sendo assim é necessário que o volume seja enterrado para que não tenha um destaque indesejado na paisagem e se sobreponha ao volume da casa antiga

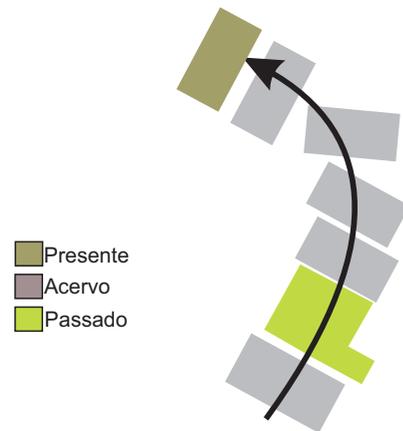


O subsolo

O volume é parcialmente enterrado, criando um subsolo e fazendo com que sua altura se iguale a da pré existência, um bloco de vidro faz a ligação entre o velho e o novo..



[f.67]Diagrama de volumetria. acervo pessoal
[f.68]Diagrama de volumetria e fachada. acervo pessoal

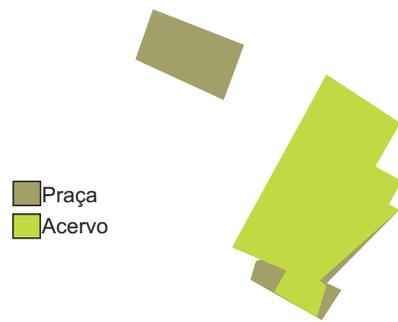


DISPOSIÇÃO DO PROGRAMA

O programa foi desenvolvido com base na meta de criar um percurso de visitação, tendo o ponto de partida no anexo e o percurso histórico seguindo a ordem cronológica, ligando o passado ao presente, percorrer no interior da pre existência, seguir para o espaço para atividades pedagógica , área de convivência e lanchonete.

A necessidade do subsolo

Por se tratar de um programa extenso para o local disponível, foram desapropriadas duas edificações próximas a pre existência tendo em vista o valor arquitetônico do entorno. Um dos lotes esta disposto a frente do museu. Ainda assim o espaço não comportaria o programa e a proposta sem que a altura do novo ficasse desproporcional ao entorno, sendo necessário então o subsolo.



RESULTADO

A organização espacial do programa , permite um trajeto coerente dentro da exposição, e gera uma gentileza urbana fazendo com que o térreo possua áreas livres para o pedestre e para embarque e desembarque do ônibus escolar o que é interessante para a segurança do público alvo que são adolescentes e crianças em idade escolar, a praça com estacionamento deixa a rua livre para que o transito tenha uma melhor fluidez, e nova área verde traz um respiro ao local.



[f.67]





TECNOLOGIA E MATERIALIDADE

[f.69]Montagem do tijolo ecológico estrutural. fonte: Wermar

[f.70]Montagem do tijolo ecológico estrutural. fonte: Wermar

[f.71]Montagem do tijolo ecológico estrutural. fonte: Wermar

[f.72]Montagem do tijolo ecológico estrutural. fonte: Wermar

[f.73]Diagrama sobre a estrutura metálica no encaixe dos tijolos nas paredes. acervo pessoal

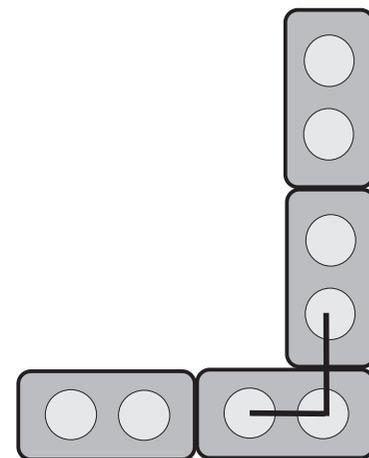
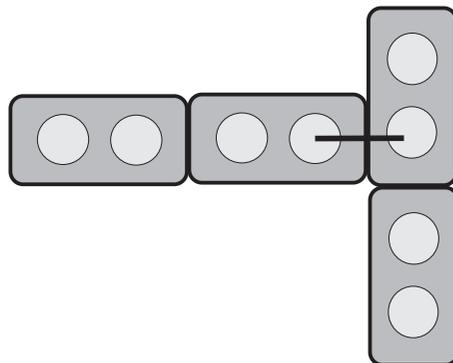
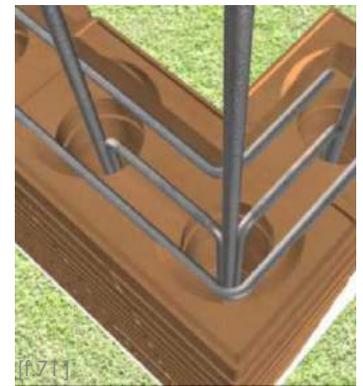
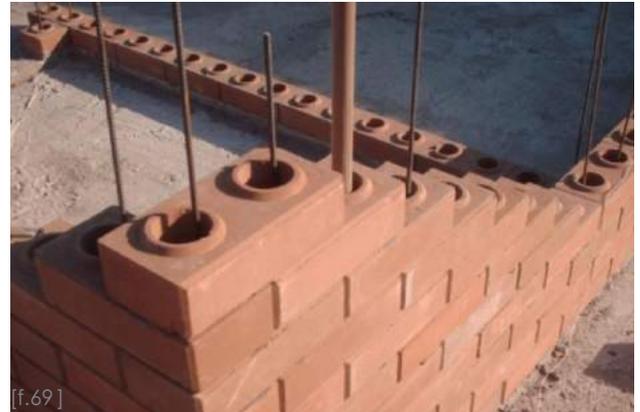
Para materialidade e estrutura do novo volume, a tecnologia escolhida foi o tijolo ecológico estrutural, devido a sua estética, baixo custo e velocidade de execução

O tijolo pode ser assentado com cola PVA ou argamassa, seguindo o padrão de encaixe do tijolo.

Quando a construção alcança a altura do ponto de laje, são colocadas duas ou mais fiadas do tijolos canaleta, formando uma grande viga em toda a parte superior da edificação e é sobre essa fiada que a laje se apóia e recebe o pavimento superior.

Os furos dos Tijolos permitem também que ar fique em constante movimento e formem câmaras termo-acústicas, controlando a temperatura no interior do edifício.

A estrutura de concreto armado da obra é embutida dentro dos furos dos tijolos e das canaletas, se baseando na formação de uma malha estrutural: um conjunto de pilares e vigas de concreto armado – amarrados entre si – e distribuídos por toda a extensão da alvenaria, os pilares são construídos usando os furos dos tijolos, e as vigas são construídas usando as canaletas, quanto ao acabamento externo, todas as faces expostas à chuva e ao sol, devem ser obrigatoriamente impermeabilizadas.



[f.73]

DETALHAMENTO CONSTRUTIVO-PAREDE DIAFRAGMA

[f.74] Diagrama
Construtivo da parede
diafragma

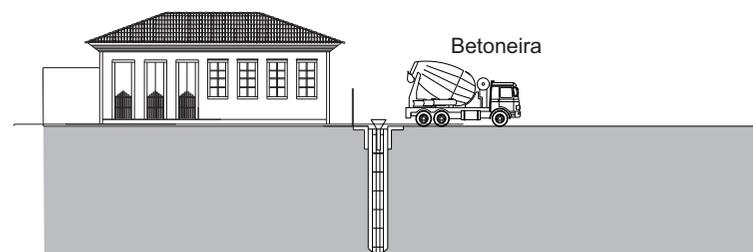
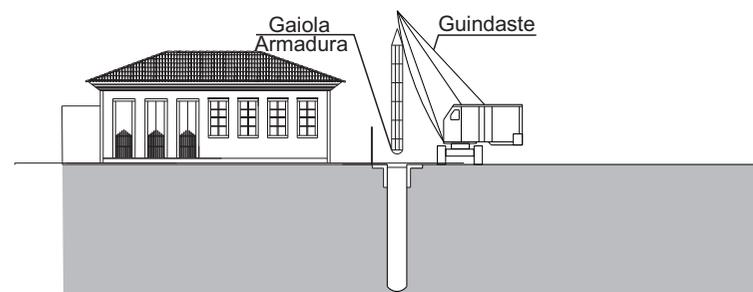
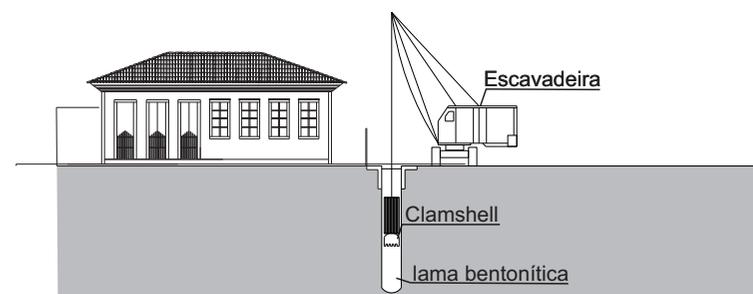
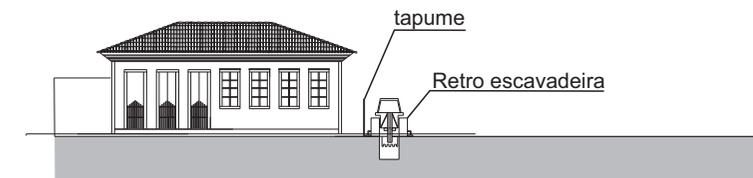
As paredes de diafragma são painéis de concreto, geralmente armado, pré-fabricados ou moldados in loco com a função de contenção em escavações de subsolo. foi a tecnologia escolhida para o projeto pois é indicada para a contenção de terrenos que não possuem grande área livre de movimentação para escavações e não produzem tremores de terra significativos, sendo assim a pre-existência, no caso um patrimônio histórico permanece protegida de abalos.

Mureta Guia (1): Antes da execução da parede de diafragma, constroem-se muretas para guiar a escavação com o clam shell. A mureta guia também impede o desmoronamento do terreno próximo à superfície.

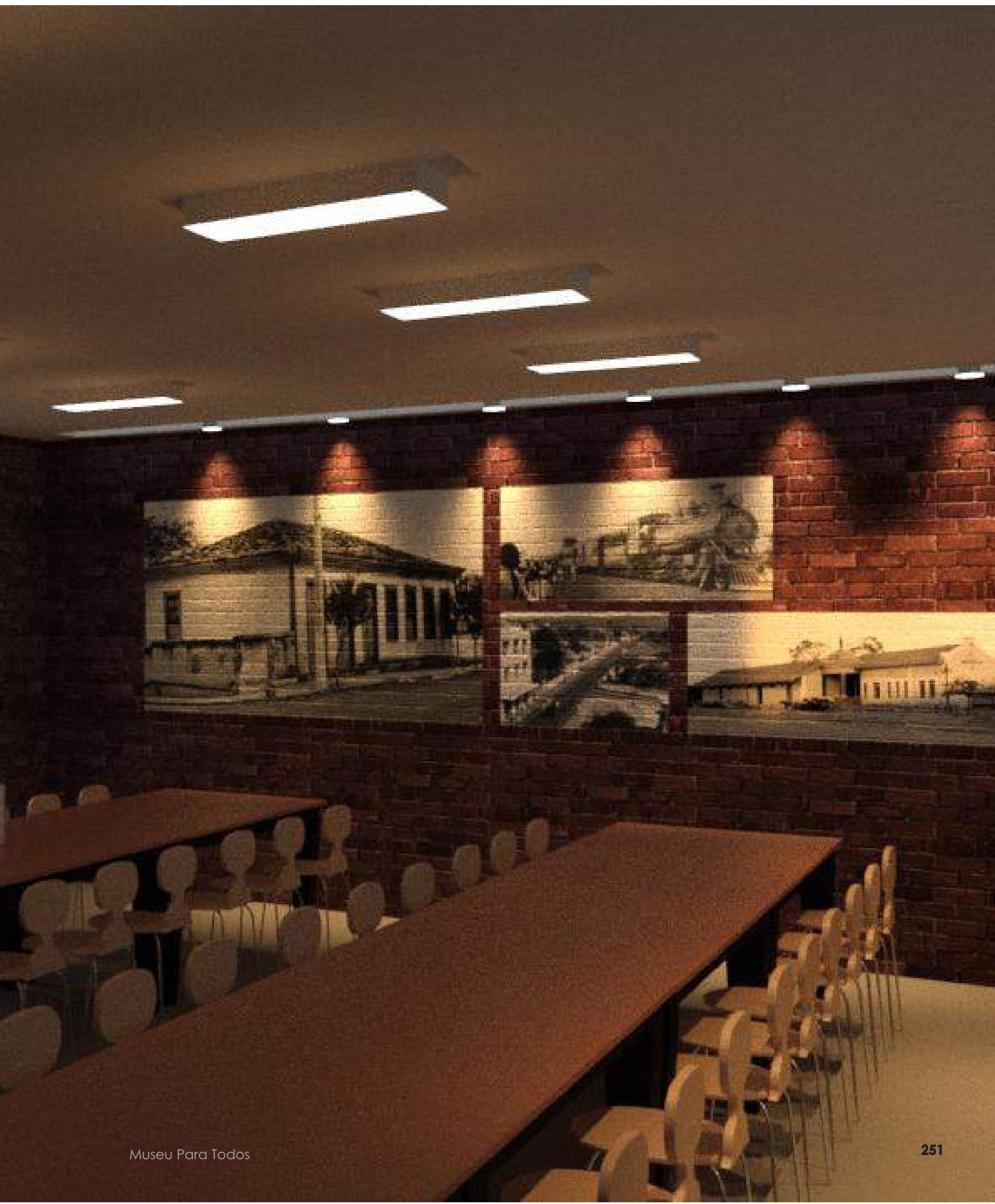
Escavação com lama bentonítica (2): A escavação é feita pela penetração do clam shell, que faz o corte do solo. Na medida em que o solo vai sendo retirado, é introduzida simultaneamente mais lama.

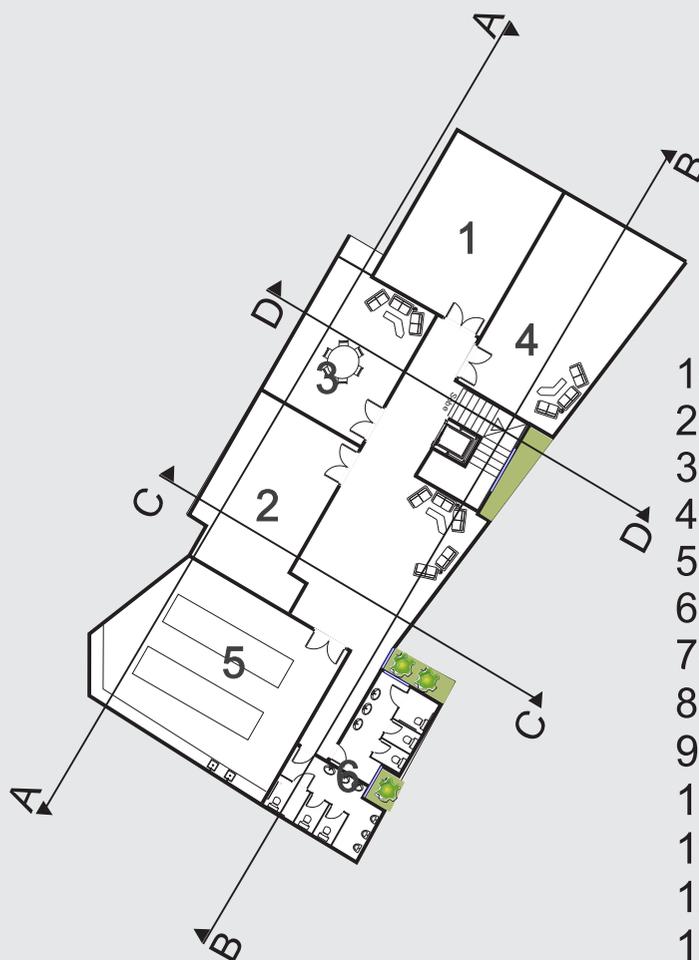
Instalação da armadura (3): uma armadura formada por barras longitudinais e estribos montados em forma de gaiolas é içada e mergulhada na escavação com o auxílio de um guindaste.

Concretagem (4): O processo de concretagem usado na execução das paredes de diafragma é o submerso de baixo para cima de uma maneira contínua e uniforme. O concreto a ser lançado não deve se misturar com a lama bentonítica existente na escavação. Para isso, mergulha-se um tubo de concretagem (tremonha) até o fundo da escavação com um êmbolo que expulsa a lama pelo próprio peso da coluna de concreto. Depois de concretada as quatro paredes protegendo os quatro lados do terreno e criando uma espécie de circuito fechado, começa a escavação do interior.









- 1- Central de Ar 43 m²
- 2- Almojarifado/DML 33m²
- 3- Copa / funcionários 33m²
- 4- Administração 54m²
- 5- Reserva técnica 114m²
- 6- Banheiro de funcionários 30m²
- 7- Pit-Stop ônibus escolar
- 8- Recepção/ guarda volumes 50m²
- 9- História do Museu 60 m²
- 10 A casa Tradicional 170m²
- 11 Exposição Historica 85 m²
- 12 Café 80m²
- 13 Auditório / exposição audiovisual 56 m²
- 14 Banheiros 30m²

A-Praça 160m²
 B-estacionamento para funcionários 6 vagas

Planta subsolo

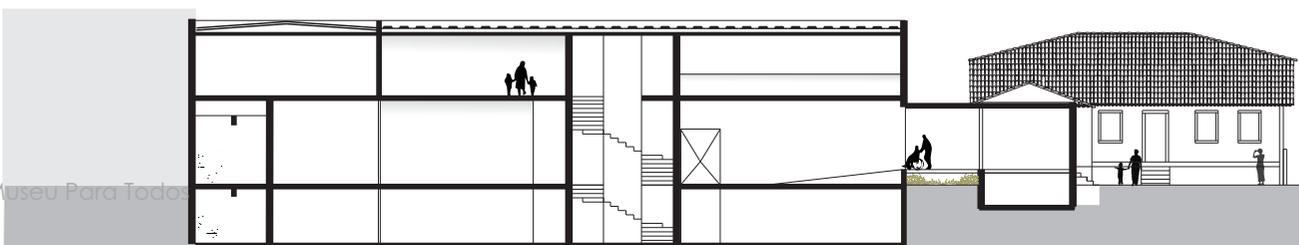


Corte A-A

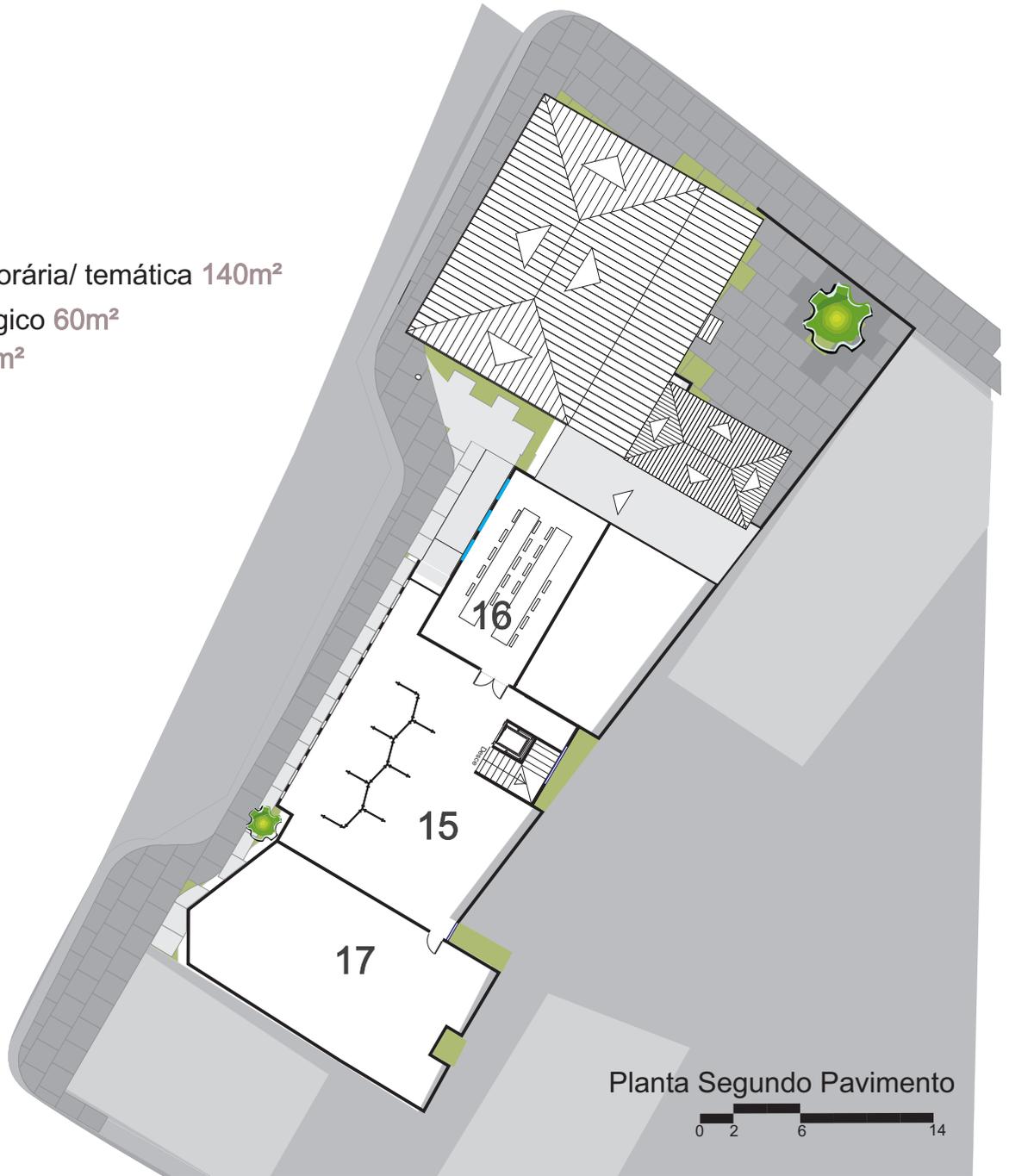




Corte B-B



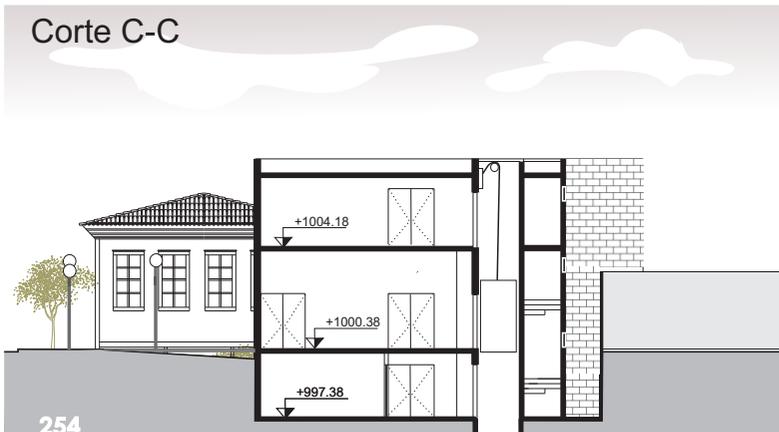
- 15-Exposição temporária/ temática 140m²
- 16-Espaço pedagógico 60m²
- 17-Laje Tecnica 60m²



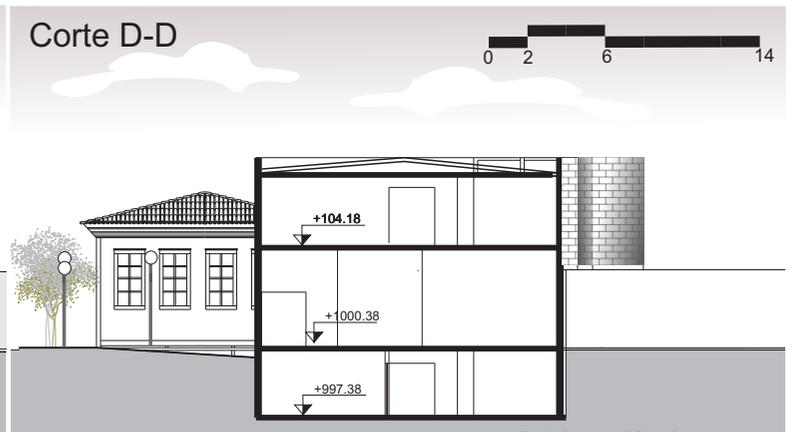
Planta Segundo Pavimento

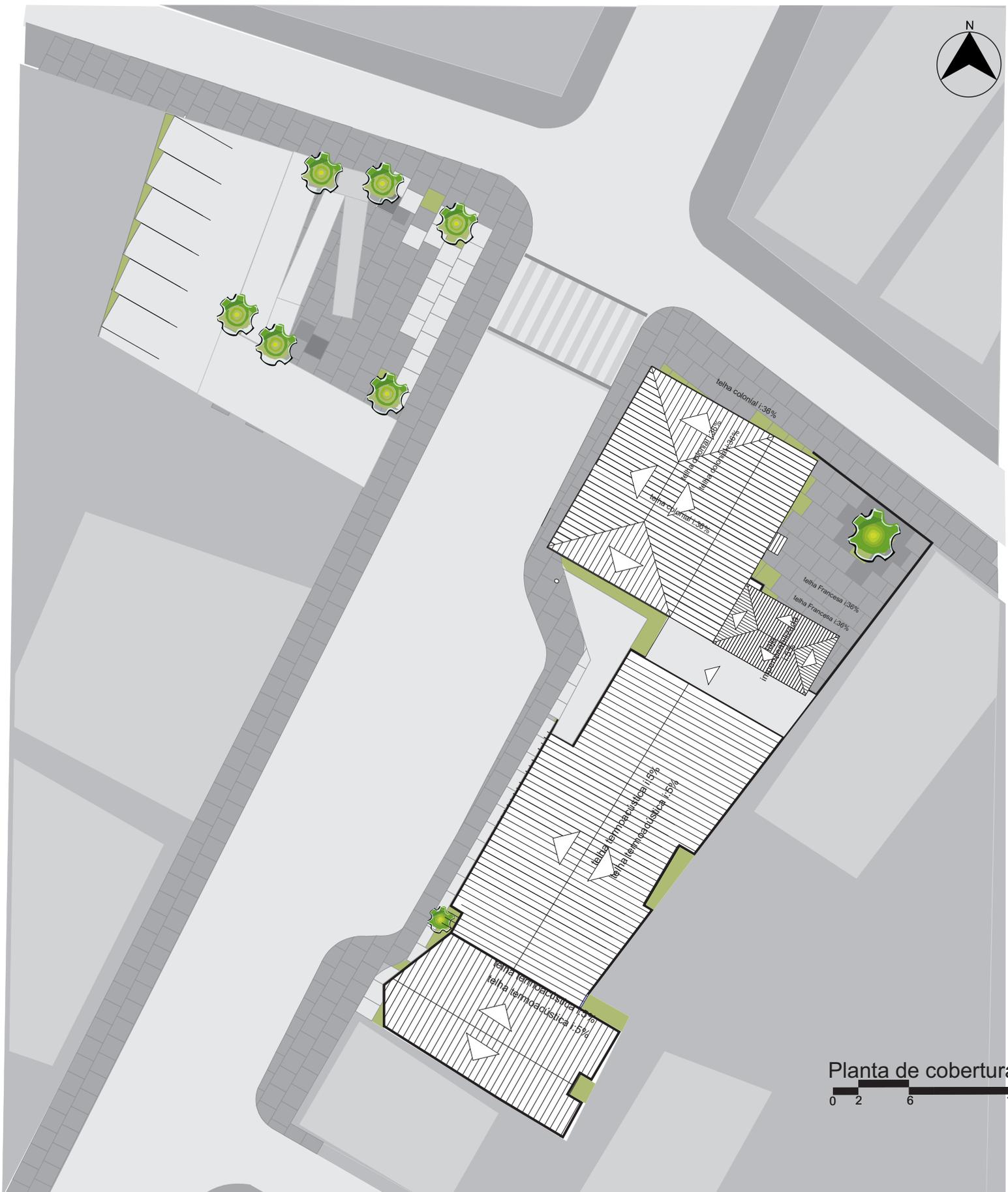
0 2 6 14

Corte C-C



Corte D-D

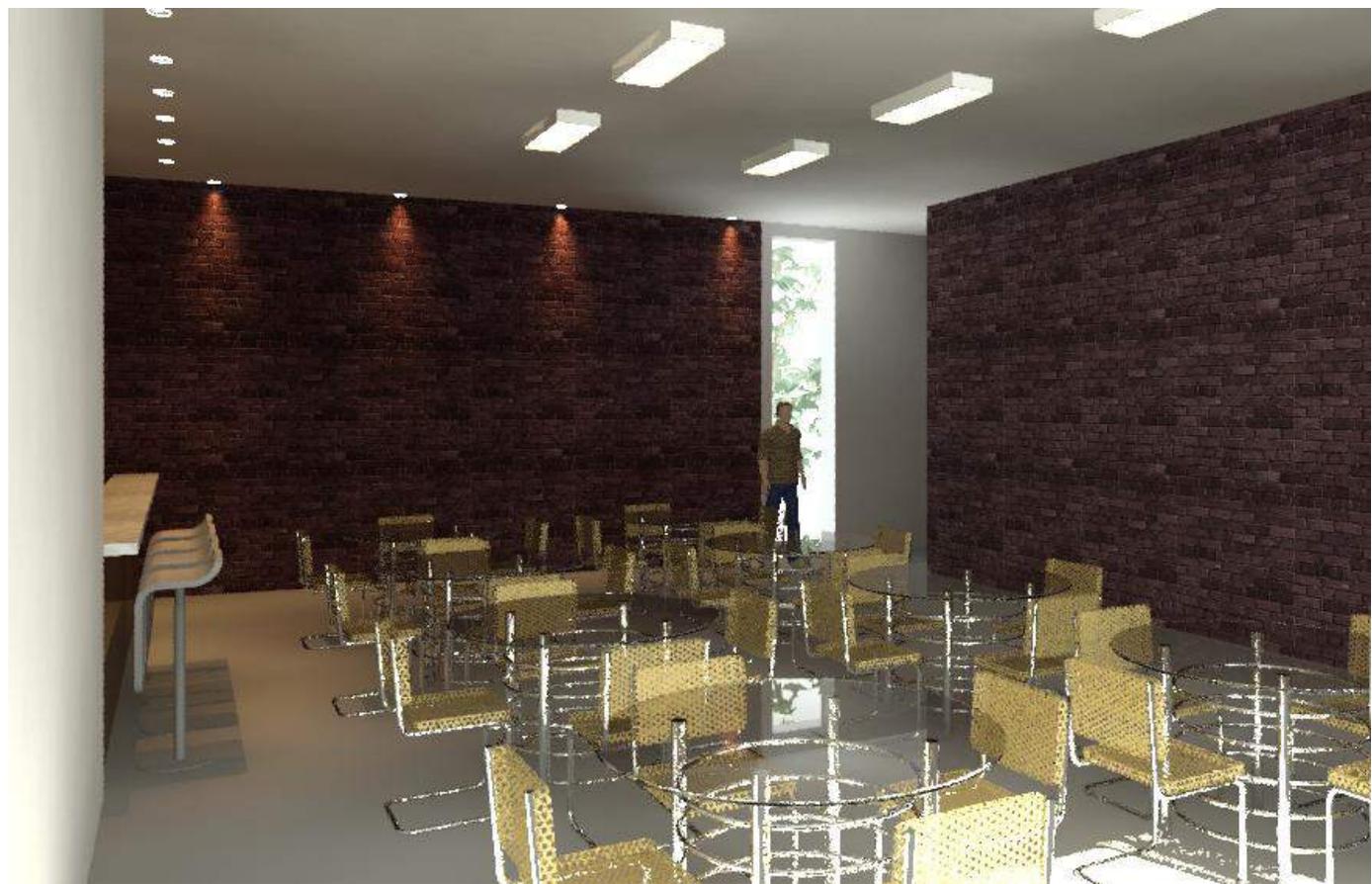
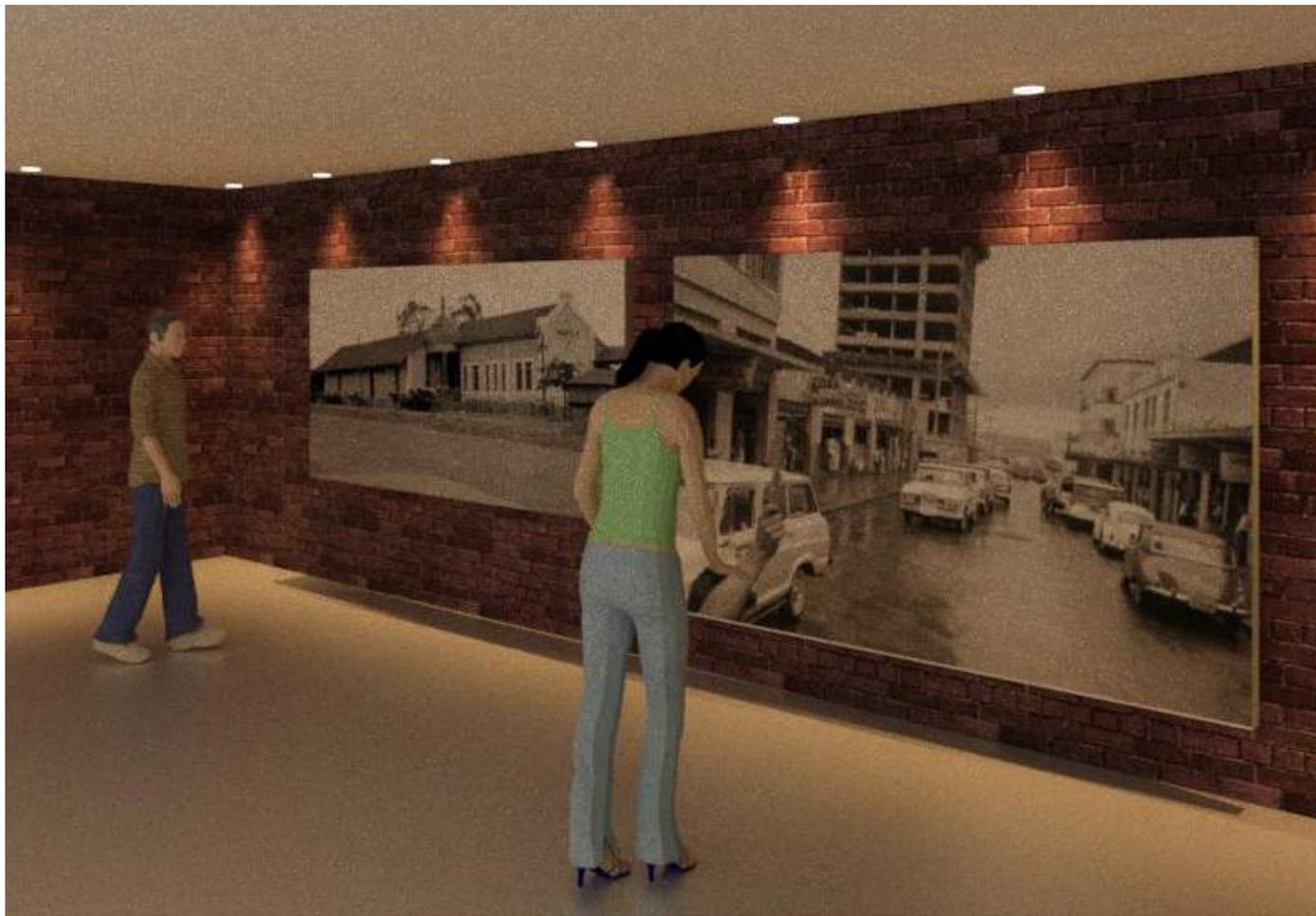




Planta de cobertura







REFERENCIAS

ALLARD, Michel. BOUCHER, Suzanne. Le musée et l'école. Québec: Hurtubise HMH, 1991. In: MARTINS, L. C. A relação museu/escola: teorias e práticas educacionais nas visitas escolares ao museu de Zoologia da USP. 2006. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

ALMEIDA, Marcelina das Graças. Museu, memória e educação. Cadernos de Filosofia e Ciências Humanas/ Departamento de Filosofia e Ciências Humanas; Faculdade de Ciências Humanas e Letras. UNICENTRO - Newton Paiva. v.6, n.10, Abril 1998. Belo Horizonte: UNICENTRO - Newton Paiva, 1998.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Ondas do pensamento museológico brasileiro. Cadernos de Museologia. Monografia (Especialização em Museologia). 2000. ULHT. Disponível em:
<http://cadernosociomuseologia.ulsofona.pt/Arquivo/sociomuseologia_1_22/Cadernos%201%20-%202003.pdf>. Acesso em: 24/ set/2017.

MARTINS, L. C. A relação museu/escola: teorias e práticas educacionais nas visitas escolares ao museu de Zoologia da USP. 2006. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material. Disponível em:
<<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/238.pdf>>. Acesso em: 17/mar./2017.

